

ARTÍCULO DE INVESTIGACIÓN

EL CORDEL Y EL LIBRO DE MADERA: POSIBILIDADES Y ENCANTOS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

THE CORDEL AND THE WOODBOOK: POSSIBILITIES AND ENCANTMENTS IN EARLY
CHILDHOOD EDUCATION

O CORDEL E A XILOGRAVURA: POSSIBILIDADES E ENCANTAMENTOS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Poliana Hreczynski Ribeiro¹

¹Universidade Estadual de Maringá (UEM), Brasil, pollyannahre@hotmail.com

RESUMEN

El tema se basa en el proyecto “O cordel e a libro de madeira nas Festas Juninas” que permitió el desarrollo de los niños en aspectos del lenguaje oral y del lenguaje artístico con los niños. En este contexto, el objetivo fue reportar la experiencia con cordel y xilografía en Educación Infantil, con el fin de resaltar los resultados de este trabajo educativo. Tuvo lugar en un centro municipal de educación infantil del Norte de Paraná con niños de cinco años. A partir de este estudio descriptivo se realizó un relato de experiencia, combinado con una investigación bibliográfica, con los referentes teórico-metodológicos de la pedagogía histórico-crítica y de la psicología histórico-cultural. Consideramos la relevancia de este estudio en el intento de posibilitar una praxis pedagógica poco desarrollada en la Región Sur, pero que resulta sumamente relevante para promover un intercambio entre los caminos de la oralidad y el arte con recitales de historias contadas a través de la interpretación de visuales escenificadas artes por niños.

Palabras Claves: *cordel; libro de madeira; educación infantil*

ABSTRACT

The theme is based on the project entitled “The cordel and the Woodbook at the Festas Juninas” which enabled children's development in aspects of oral language and artistic language with children. In this context, the objective was to report the experience with cordel and woodcuts in Early Childhood Education, in order to highlight the results of this educational work. It took place in a municipal early childhood education center in Northern Paraná with five-year-old children. Based on this descriptive study, an experience report, combined with bibliographical research, with the theoretical-methodological references of historical-critical pedagogy and historical-cultural psychology. We consider the relevance of this study in an attempt to enable a pedagogical praxis that is underdeveloped in the South Region, but which is extremely relevant to promote an exchange between the paths of orality and art with recitals in stories told through the interpretation of staged visual arts by children.

Key words: *cordel; woodbook; early childhood education.*

RESUMO

O tema pauta-se no projeto intitulado “O cordel e a Xilogravura nas Festas Juninas” que possibilitou o desenvolvimento infantil nos aspectos da linguagem oral e da linguagem artística com as crianças. Nesse contexto, objetivou relatar a experiência com o cordel e a xilogravura na Educação Infantil, a fim de evidenciar os resultados deste trabalho educativo. Ocorreu em um centro municipal de educação infantil no Norte do Paraná com crianças de cinco anos de idade. A partir deste estudo descritivo, tipo relato de experiência, conjugado com a pesquisa bibliográfica, acerca dos referenciais teórico-metodológicos da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural. Consideramos, a pertinência deste estudo, na tentativa de possibilitar uma práxis pedagógica pouco desenvolvida na Região Sul, mas que é de suma relevância para promover um intercâmbio entre os caminhos da oralidade e da arte com os recitais nas histórias contadas pela interpretação das artes visuais encenadas pelas crianças.

Palavras chaves: *cordel; xilogravura; educação infantil.*

Fecha de recepción: 12 de noviembre de 2023

Fecha de aceptación: 13 de enero de 2025

1. INTRODUÇÃO

O cordel é considerado um gênero literário, como uma história cantada relacionado à oralidade que está vinculado a uma tradição histórica do Brasil. Ao leitor proporciona uma estratégia de desenvolvimento da oralidade e expressões do mundo social. Além, do cordel, também faz referência a xilogravura, que não se configura apenas como uma técnica artística, mas como um patrimônio cultural da arte (Souza, 2007) que necessita ser inserida na Educação em todos os estados do Brasil. Nesse sentido, o objetivo em relatar a experiência com o cordel e a xilogravura na Educação Infantil, a fim de evidenciar os resultados deste trabalho educativo.

Tendo como referenciais teórico-metodológicos a pedagogia histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural, por compreender que essas bases teóricas e epistemológicas possibilitam o pensar e o repensar do processo de ensino e aprendizagem dos alunos e dos professores.

Neste contexto, o tema está centrado na possibilidade de compreender o desenvolvimento infantil nos aspectos da linguagem oral e artística, por meio do cordel e da xilogravura nas Festas Juninas que acontecem geralmente nos meses de junho e julho nos espaços formativos da Educação Infantil. Assim, pode-se indagar: Como propiciar um trabalho educativo com o cordel e a xilogravura na Educação Infantil que desenvolva a linguagem oral e artística das crianças?

Diante disso, justifica-se a relevância desta pesquisa pela oportunidade em debruçar sobre os aspectos do desenvolvimento infantil no processo de ensino e aprendizagem, com a finalidade de desenvolver uma reflexão crítica, a partir do estudo descritivo do tipo Relato de Experiência (RE), que ao “Utilizar o RE como metodologia de construção de conhecimento científico, [...] significa abdicar da pretensão moderna do discurso unificado e total” (Daltro e Faria, 2019: 231).

Neste viés, pretende-se incorporar este movimento dialético de partilha do conhecimento teórico e prático na organização didática do artigo, sendo que no primeiro momento apresenta os aspectos do desenvolvimento infantil das crianças em idade pré-escolar acerca dos conhecimentos artísticos e estéticos atinentes na Educação Infantil. E no segundo momento a possibilidade do trabalho educativo com o cordel e a xilogravura com as crianças em idade pré-escolar num centro municipal de educação infantil no Norte do Paraná, com a finalidade de perceber que a práxis pedagógica é o fundamento do trabalho educativo.

2. O CONHECIMENTO ARTÍSTICO E ESTÉTICO COM AS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR: DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A psicologia histórico-cultural entende-se como idade

pré-escolar a idade de 4 a 6 anos, sendo que ao “estudar o desenvolvimento infantil significa estudar a passagem da criança de um degrau evolutivo a outro e a mudança de sua personalidade dentro de cada período evolutivo, que tem lugar em condições histórico-sociais concretas” (Vigotski apud Elkonin, 1987: 106, tradução nossa), desse modo, a idade pré-escolar significa um período anterior ao próximo estágio que denomina-se como idade escolar.

Destaca-se que no artigo estabeleceu a idade pré-escolar conforme a pedagogia histórico-crítica e a psicologia histórico-cultural, sendo dos 4 a 6 anos de idade, mas ao falar das instituições formativas de educação infantil no contexto brasileiro estará representando a idade determinada nas políticas educacionais.

Que conforme a LDB 9.394/1996, no Artigo 29, afirma “Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complemen-

tando a ação da família e da comunidade”, sendo uma modificação recente no contexto da Lei 12.796 de 2013 que altera a redação ao ampliar a duração do Ensino Fundamental para nove anos com início aos seis anos de idade completos ou a completar até o início do ano letivo nessa etapa educacional. Acrescido ao fato deste dispositivo em seu Art. 30 do inciso segundo que esclarece o atendimento a “pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade” (Brasil, 2013), desse modo, a idade pré-escolar perante as políticas públicas educacionais corresponde aos 4 e 5 anos de idades.

Além disso, estar circunscrito no meio educacional brasileiro, é válido reafirmar que a prática pedagógica tem por fundamento epistemológico e ontológico a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, que revelam que a época Infância, em seu período pré-escolar corresponde dos 3 aos 6 anos de idade.

Nesta acepção, para melhor compreensão acerca da periodização do desenvolvimento infantil, apresenta-se a figura de Abrantes (2012) para elucidação:

Imagem 1: Periodização do desenvolvimento psíquico.



Síntese gráfica da teoria da periodização do desenvolvimento de D. B. Elkonin.

Fonte: Material didático elaborado por Ângelo Antônio Abrantes, docente do Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru.

Conforme a figura 1, pode-se analisar que o desenvolvimento afetivo-cognitivo infantil (0 aos 6 anos de idade) é periodizado em duas épocas: a Primeira Infância, que subdivide-se em Primeiro ano (0 - 1 ano) e Primeira Infância (1 ano e meio - 3 anos); a segunda, compreendendo a Infância que também subdivide em Idade Pré-escolar (4-6 anos) e a Idade Escolar (A partir dos 7 anos).

Percebe-se que em cada período prevalece uma atividade dominante ou principal, sendo que essas atividades são consideradas guias para o desenvolvimento afetivo-cognitivo das crianças. Diante disto, ao apresentar o desenvolvimento afetivo-cognitivo das crianças em idade pré-escolar faz necessário resgatar os fundamentos fulcrais desse período, sendo que as crianças em idade pré-escolar acompanham duas linhas e/ou atividades, denominadas como principal e secundária.

Na linha e/ou atividade principal está a brincadeira de papéis sociais, como o faz-de-conta, os jogos protagonizados, e outros. E na segunda linha e/ou atividade intitulada como constitutivas ou de produção, engloba os desenhos, a modelagem, a construção de objetos, o trabalho manual, entre outros (Martins, 2010).

Em consonância com isso, vale ressaltar que “O critério na transição de um estágio para o outro é precisamente a mudança do tipo principal de atividade na relação dominante da criança com a realidade” (Leontiev, 2016: 64), ou seja, a transição entre a Primeira Infância (0-3 anos) para a Idade Pré-Escolar (4-6 anos) está na mudança da atividade principal, que:

[...] embora os estágios do desenvolvimento também se desdobrem ao longo do tempo de certa forma, seus limites de idade, todavia, dependem de seu conteúdo e este, por sua vez, é governado pelas condições históricas concretas nas quais está ocorrendo o desenvolvimento da criança. Assim, não é a idade da criança que determina, enquanto tal, o conteúdo do estágio de desenvolvimento, mas, pelo contrário, a idade da passagem de um estágio a outro que depende do seu conteúdo e que muda com as condições sócio-históricas (Leontiev, 2016: 65-66).

Nesta perspectiva, o conceito de atividade principal corresponde ao processo histórico-social que o indivíduo está cinscunscrito. Perante isto, Leontiev (2016) afirma que ambas atividades são essenciais e precisam ser pensadas e planejadas como um todo para o desenvolvimento infantil, mas sem esquecer que a atividade principal é a que governa todo o processo psicológico e a personalidade da criança.

Contudo, no decurso deste processo precisa considerar as características e mudanças na idade pré-escolar, pois:

[...] as mudanças na idade no desenvolvimento psíquico e nas características da personalidade não se produzem de maneira tão específica e simultânea ou, para melhor dizer, produzem-se em períodos diferentes, segundo a forma de vida, de atividade e as condições de educação da criança (Bogoyavlensky e Menchinskaya, 2005: 42).

Neste prisma, salienta-se que durante essa idade as crianças estão constituindo sua personalidade e seus processos psíquicos, sendo que “[...] os processos internos se estruturam, orientando outras ações práticas, mais autônomas e complexas, que enriquecerão os processos internos e assim sucessivamente” (Martins, 2006: 39).

Válida é a ponderação de Martins (2013: 95) sobre a especificidade do professor conhecer a constituição histórico-social dos alunos, principalmente, aqueles que atuam com as crianças em idade pré-escolar, ou seja:

Em suma, as especificidades das crianças de quatro a seis anos não deixam margens para dúvidas em relação aos benefícios que um bom ensino promove sobre elas. [...] quanto mais conhecermos a constituição histórico-social de seu desenvolvimento, mais afirmaremos suas possibilidades para a aprendizagem sistematizada.

Nessa acepção, apresenta-se a possibilidade de uma intervenção formativa que considerou este desenvolvimento afetivo-cognitivo repensando na atividade principal e secundária desta idade pré-escolar.

3. BRINCANDO E ENCENANDO COM O CORDEL E COM A XILOGRAVURA NA INFÂNCIA: POSSIBILIDADE DE UM TRABALHO EDUCATIVO

Discorrer sobre os conhecimentos científicos, artísticos e textuais na Educação Infantil, é um desafio, devido as diversas manifestações unitárias e assistências da Infância (Ribeiro, 2022). Para tanto, faz necessário que desmitifiquem o assistencialismo, os atos pejorativos e as práticas pedagógicas conforme os cânones do capital, numa perspectiva contra-hegemônica ao assegurar possibilidades concretas para a humanização e sensibilização assim ampliando o conhecimento historicamente elaborado pelos seres humanos (Saviani, 2013).

Para que a práxis pedagógica não preconize este esvaziamento nas reproduções do cotidiano, mas que vá além disso, ou seja, apresente o que há de mais elaborado nas manifestações artísticas para que as crianças ampliem suas experiências e, conseqüentemente possibilitem bases sólidas para que elas criem suas produções artísticas, que se fazem necessário o conhecimento do desenvolvimento humano.

Perante disso, ressalta-se, a importância dos indivíduos mais experientes, na esfera social, isto é, os adultos, e nas instituições formativas, os docentes e os profissionais da educação, precisam conhecer o desenvolvimento humano e as características de cada estágio, a fim de pensar e (re)pensar as ações realizadas com as crianças em idade pré-escolar para promover um ensino permeado de sentido e significado, por meio de práticas pedagógicas intencionalmente sistematizadas (Ribeiro, 2022).

Neste contexto, a motivação em desenvolver o trabalho na Educação Infantil acerca do cordel e da xilogravura que representa uma ação contra-hegemônica, que possibilita o aprimoramento das funções psicológicas superiores. Neste momento, o foco será para as linguagens: oral e artística.

Há que se compreender que antes de se tornarem funções psicológicas superiores nas crianças, essas funções, são elementares, ou seja, são biológicas, orgânicas e instintivas. Deste modo:

Todas as funções psíquicas superiores são relações interiorizadas da ordem social, são o fundamento da estrutura social da personalidade. Sua composição, estrutura genética e modo de ação, em uma palavra, toda sua natureza é social; inclusive ao converter-se em processos psíquicos segue sendo quase-social. O homem, inclusive, sozinho consigo mesmo, conserva funções de comunicação. Modificando a conhecida tese de Marx, poderíamos dizer que a natureza psíquica do homem vem a ser um conjunto de relações sociais transpostas para o interior e convertidas em funções da personalidade e formando sua estrutura. Não pretendemos dizer que esse seja, precisamente, o significado da tese de Marx, mas vemos nela a expressão mais completa de todo o resultado da história do desenvolvimento cultural (Vygotski, 1983: 151).

As funções psíquicas precisam ser desenvolvidas para que o ser humano se torne um ser social e cultural capaz de atuar no mundo de forma consciente, mas isso requer, uma educação que promova a formação de indivíduos que não apenas compreendem sua identidade cultural, mas também participem ativamente da construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Diante disto, ao realizar o trabalho educativo com o cordel e a xilogravura na Infância, percebeu-se que esta transposição da prática-teoria-prática, realizando o movimento da práxis, acerca das manifestações culturais no cotidiano escolar, valorizou a diversidade cultural no processo de ensino-aprendizagem por meio do trabalho educativo que estimule a criatividade e o pensamento crítico.

Este trabalho educativo está vinculado ao projeto “O cordel e a Xilogravura nas Festas Juninas” que se trabalhou ao longo do mês de junho no ano de 2023, em um centro municipal de educação infantil da região norte do Paraná, com a turma do Infantil 5, ou seja, com vinte e cinco crianças de cinco anos de idade.

A seguir, o quadro que apresenta os encaminhamentos.

Quadro 1: Encaminhamentos didáticos do projeto “O cordel e a Xilogravura nas Festas Juninas”.

Junho	Atividade
Primeira Semana	O cordel e a xilogravura por meio de diálogos orais coletivos, em seguida, com vídeos do canal “Mari Bigio - Cordel Animado”.
Segunda Semana	O cordel, intitulado “Festas Juninas” de Dalinha Catunda, e com esse gênero a rima, as palavras e seus significados para o contexto junino.
Terceira e Quarta Semana	A arte da xilogravura nas ilustrações das histórias, sendo retomada a origem dessa técnica até a sua confecção com os pratos de papelão remetendo aos desenhos juninos. Ensaio da Música “Esperando na Janela” do compositor e cantor Gilberto Gil.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o Quadro 1, observa que na primeira semana foi apresentado o cordel e a xilogravura por meio de diálogos orais coletivos, ou seja, neste momento organizou com as cadeiras dos próprios alunos em sala de aula uma roda de conversa acerca do cordel e da xilogravura.

Os primeiros diálogos com as crianças foi a escuta e a suposição delas acerca desta arte. Com este contato, percebeu-se pouca e/ou nenhuma sinapse acerca do tema da aula, na qual, tiveram o primeiro contato em sala de forma recíproca que provocou interesse na busca de questionar e entender o cordel e a xilogravura.

Este fato, é nítido na falta de clareza e ausência de diálogos nos CMEIS e nas escolas ao Sul do Brasil. Conforme a Valendorf e Toscan (2013: 71) esclarecem os

alunos estavam muito entusiasmados na realização das atividades, primeiramente por não conhecerem esta nova técnica de desenho e em um segundo momento por ser uma atividade no contexto da Literatura de Cordel, onde os mesmos relataram terem vistos alguma “coisa parecida” na tv.

Com esta afirmação, pode-se inferir, que o cordel e a xilogravura são negados aos seres humanos e ao terem contato é com a mídia televisiva que apresenta sem a contextualização histórica e científica desta arte, sendo que esta função cabe a escola.

Entende-se, portanto, que este trabalho no interior do

Paraná faz necessário para a resistência visto que não são contemplados pelo currículo formal. E ao incorporar o cordel e a xilogravura no espaço formativo da Educação Infantil, é fulcral para romper barreiras sobre o senso comum que estes aspectos são ‘apenas’ da cultura nordestina, assim possibilitando a valorização da diversidade cultural do nosso país.

Retomando o trabalho desenvolvido no CMEI na primeira semana, os alunos foram direcionados para a sala de vídeo, a fim de assistir dois vídeos do canal “Mari Bigio - Cordel Animado”, sendo: “Confissões de Uma Menina que Adora Comida Junina!” e “A Dona Baratinha em Cordel”, com estes vídeos observou-se o encantamento das crianças ao vivenciar este momento artístico.

Na segunda semana, trabalhou com o cordel “Festas Juninas” de Dalinha Catunda, que ressalta a riqueza cultural e a tradição por meio de versos que transmitem a alegria das festas juninas, uma comemoração especial no Brasil. Explorou-se os versos na linguagem das palavras e das rimas, a fim de destacar a musicalidade e a expressividade do cordel. Esta abordagem permitiu as crianças apreciarem a beleza da cultura popular e desenvolver habilidades linguísticas de forma lúdica e envolvente.

Com isso, ressalta-se o trecho “Festas juninas chegaram, Com alegria e prazer, É tempo de comemorar, Vamos todos renascer, Em fogueiras e balões, Queimam-se as

tradições” (Catunda, 2008), neste verso, indica a beleza e a chegada das festas juninas que há ‘balões’ e ‘fogueiras’ que simbolizam a tradição da cultura popular.

Outro verso que esteve presente nos diálogos, foi “No sertão e na cidade, A festa é animada, Com danças e brincadeiras, Toda noite é celebrada, E o cordel, nossa história, Traz à memória a trajetória” (Catunda, 2008), com ele, foi trabalho a diferenciação entre zona rural e zona urbana, com ênfase nas festas juninas, mas ambas são essenciais para a celebração que em cordel conta a história desta festa típica. Acerca dos versos, foi possível despertar conhecimentos vivenciados pelas crianças nas celebrações, com a finalidade de caracterizar a forma que visualizam e narram esta arte, por meio do cordel.

Notou-se que em algumas crianças no início do trabalho com o cordel, as palavras não eram pronunciadas de forma correta ou não eram utilizadas em seu repertório linguístico, isso, proporcionou o desenvolvimento da linguagem, uma função psíquica essencial para as outras funções.

Vigotski (2007:16, grifos do autor) esclarece:

A relação entre fala e ação é dinâmica no decorrer do desenvolvimento das crianças. A relação estrutural pode mudar mesmo durante um experimento. A mudança crucial ocorre da seguinte maneira: num primeiro estágio, a fala acompanha as ações da criança e reflete as vicissitudes do processo de solução do problema de uma forma dispersa e caótica. Num estágio posterior, a fala desloca-se cada vez mais em direção ao início desse processo, de modo que, com o tempo, preceda a ação. Ela funciona, então, como um auxiliar de um plano já concebido, mas não realizado, ainda, em nível compor-

tamental.

Desse modo, no início da idade pré-escolar, a criança deixa de pensar de forma prática, passa então, a agir pelas imagens com um pensamento elaborado e consciente das ações, assim apoiado pelas imagens e ações, mas permeado pela fala. Ou seja, o uso da fala para comunicar com o adulto é a base da reestruturação dos processos psíquicos, logo, a fala é a ferramenta do pensamento.

E, por fim, na terceira e na quarta semana dedicou-se para o cordel com a arte da xilogravura nas ilustrações das histórias, sendo retomada a origem desta técnica até a sua confecção com os pratos de papelão que remete aos desenhos juninos.

Ao internacionalizar um trabalho de xilogravura na educação, é oportuno o professor conhecer a historicidade de tal arte, ou seja, a xilogravura é uma antiga técnica, construído ao longo da história, que significa, etimologicamente, xylon (do grego) significa madeira; gravura seria, então, impressão sobre um suporte qualquer, tendo como matriz a madeira gravada.

Contudo, o dicionário Larousse, define a xilogravura como uma “gravura obtida pelo processo da xilografia”. Xilografia quer dizer “arte de gravar em madeira. Técnica de impressão em que o desenho é entalhado com goiva, formão, faca ou buril em uma chapa de madeira” (Larousse, 2001: 1042). Esta técnica foi fortemente desenvolvida, e atualmente visualizamos em diferentes materiais, porém, o mais comum, é no papel como presença forte no meio publicitário, na imprensa, nas ilustrações em revistas e livros, como forma de enriquecer a cultura popular.

Figura 2: Xilogravura de artistas.





Fonte: Indigo Arts Gallery (online).

A partir destes modelos apresentados em diferentes formatos e texturas, ou seja, no papel, na madeira e digital, com o uso do Datashow, as crianças produziram sua própria arte de xilogravura, no primeiro momento, foi entregue o prato de papelão e o lápis grafite para desen-

har cenas da festa junina; no segundo momento, após finalizar seu desenho, foram entregues a tinta preta e o pincel para colorirem seus desenhos.

Conforme as imagens abaixo:

Imagem 3: Produção da arte de xilogravura nos pratos de papelão.



Fonte: Arquivos da autora.

As crianças demonstraram a destreza na organização e na manipulação dos objetos para a criação de suas xilogravuras, na qual foram expostas no pátio da instituição formativa para apresentar aos demais alunos de outras salas de aulas, pais e/ou responsáveis e aos profissionais

da educação.

Esta ação, foi fulcral para o entrelaçamento da fala e do desenho para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores na criança. Diante disto:

As crianças pequenas dão nome a seus desenhos somente após completá-los; elas têm necessidade de vê-los antes de decidir o que eles são. À medida que as crianças se tornam mais velhas, elas adquirem a capacidade de decidir previamente o que vão desenhar. Esse deslocamento temporal do processo de nomeação significa uma mudança na função da fala (Vigotski, 2007:16-17).

Neste viés, a atividade de composição de cordéis ajudou a desenvolver a oralidade e a criatividade das crianças, enquanto a oficina de xilogravura proporcionou uma vivência sensorial e artística. Deste modo, ao incluir o cordel e a xilogravura, no centro municipal de educação infantil, promoveu um ambiente inclusivo, democrático e participativo, na qual, as perguntas, questionamentos e hipóteses foram valorizadas e respeitadas por todo os envolvidos no processo formativo.

Em consonância, tal conteúdo foi abordado de forma integrada ao projeto supracitado, que as expressões artísticas despertaram o interesse e a valorização da cultura, além de desenvolver diversas habilidades nos alunos, como a linguagem, a criatividade e o senso estético.

4. RESULTADOS E POSSIBILIDADES FUTURAS

Essas estratégias possibilitaram a interação entre a turma, o desenvolvimento correto da pronúncia e significado das palavras, a compreensão das rimas e seu uso no gênero literário e a arte visual nas diversas manifestações artística da xilogravura.

Nesse viés, afirma que:

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas –, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação (Vigotski, 2009: 23).

Com esse respaldo teórico, defende-se, que o cordel e a xilogravura precisam adentrar as intervenções pedagógicas das instituições de Educação Infantil, esta defesa, vai ao encontro do pensamento de Vigotski (2009: 122):

[...] todo o futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora. A orientação para o futuro, o comportamento que se apoia no futuro e dele procede é a função maior da imaginação, tanto quanto a estrutura educativa fundamental do trabalho pedagógico consiste em direcionar o comportamento do escolar seguindo a linha de sua preparação para o futuro, e o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças no processo de realização desse objetivo.

Nessa conjuntura,

A arte por si só não pode humanizar a vida; porém quando se tem a necessidade de humanizar a própria vida e dos demais também em outros níveis – o nível político, moral etc. – a arte proporciona um parâmetro e cumpre a função de apoio sentimental e intelectual para operar a transformação (Heller, 1994: 203, tradução nossa).

Neste íterim, a pedagogia histórico-crítica, auxilia na compreensão sobre a função da escola em apropriar-se das manifestações culturais da sociedade, incorporando-as no seu trabalho educativo (Saviani, 2011). Nesse sentido, o cordel e a xilogravura podem ser utilizados como ferramentas pedagógicas que facilitam a compreensão de conceitos complexos e estabelecem uma ponte entre o conhecimento científico e a realidade vivenciada pelos alunos.

Nesse sentido, a educação escolar visa corresponder ao “ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2011:13), o lugar do conhecimento científico evidencia a importância da função social da escola.

Diante disso, por mais que o cordel e a xilogravura configura-se como cultura popular, são fundamentais descortinar o aspecto de uma cultura apenas nordestina e que não há resquícios com o conhecimento artístico. Ou seja, o desenvolvimento dos conceitos artísticos está atrelado à mediação do professor entre os conceitos espontâneos – formados nas relações interpessoais cotidianas e as formas superiores do conhecimento, os

conhecimentos científicos – formados nas relações intrapsíquicas sistematizadas, isto constitui o processo de internalização (Saviani, 2011; Vigotski, 2007).

Então, “o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos” (Saviani, 2011:13), ou seja, para a formação dos conceitos científicos dependem do ensino sistematizado (ciência, filosofia, ética, arte) para serem internalizados.

Em consonância, a educação constitui nos seres humanos a universalidade do gênero humano, que opera pelo clássico sendo um “antídoto à polemização do campo pedagógico” (Saviani e Duarte, 2010:431), e quem socialmente cumpre esta função é a escola e seus professores, ou seja, os processos educativos com base em uma organização do ensino que permita a aprendizagem de conteúdos escolares desenvolvendo (Martins e Pasqualini, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a arte proporciona a aprendizagem e o desenvolvimento, mas não arte do sistema capitalista vigente que reproduz as práticas cotidianas, mas sim, a arte que utiliza das experiências anteriores dos escolares, e com o contato com as máximas elaborações artísticas, como o cordel e a xilogravura, na instituição educativa de Educação infantil, possibilita as crianças a ampliação de suas experiências, e assim, formar seu pensamento

crítico, emancipatório e humanizador.

Diante disso, não há aprendizagem e desenvolvimento da consciência no indivíduo singular, sem a retomada de conhecimento para uma linguagem artística que favoreça a releitura de seus valores sociais e emocionais, por meio da e na superação dos fragmentos do senso comum.

Nessa lógica, ao questionar: Como propiciar um trabalho educativo com o cordel e a xilogravura na Educação Infantil que desenvolva a linguagem oral e artísticas das crianças? Comprova-se que a arte mais elaborada que foi construída ao longo da história, possibilita a superação por incorporação, a fim de incidir o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Em consonância, defende-se que o cordel e a xilogravura devem ocupar espaços formativos para promover o desenvolvimento de conceitos científicos e artísticos nas crianças. No entanto, na realidade educacional brasileira, essas formas de arte estão pouco presentes nos diálogos educativos, especialmente na região Sul.

Contudo, durante a intervenção formativa vivenciou-se momentos de diálogos e reflexões, que favoreceu na motivação em realizar a própria arte de xilogravura. Este estudo e vivência proporcionou compreender com criticidade a Arte na infância e seus reflexos nas práticas pedagógicas e no cotidiano da instituição formativa, pois de fato, a arte possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, quando planejadas de forma intencional e sistematizada com os conhecimentos artísticos.

Referências bibliográficas

- Bogoyavlensky, D. N. & Menchinskaya, N. A. (2005). Relação entre aprendizagem e desenvolvimento psicointelectual da criança em idade escolar. En Luria; Leontiev; Vygotsky; outros. Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. (pp. 63-85). São Paulo, SP: Centauro.
- Brasil. (1996). Ministério da Educação. Lei de Diretrizes

- e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
- Brasil. (2013). Ministério da Educação. Lei nº. 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014

[/2013/lei/112796.htm](#)

Catunda, D. (2008). Cordel de Festas Juninas. Blog da Dalinha Catunda. <https://cantinhodadalinha.blogspot.com/>

Daltro, M. R. & Faria, A. A. (2019). Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. Estudos e Pesquisa em Psicologia, 19, 1, 223-237. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>

Elkonin, D. B. (1987). Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico em la infancia. En V. Davidov; M. Shuare (Org.) La Psicología Evolutiva y Pedagógica en la URSS (Antología). (pp. 104-24). Moscou: Editorial Progreso.

Heller, A. (1994). Sociología de la vida cotidiana. Barcelona: Ediciones Península.

Indigo Arts Gallery. (2022). Xilogravura. Consulta realizada em 20 out. 2015. <https://indigoarts.com/>. Acesso em: 20 out. 2023.

Larousse, Á. (2001). Dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Ática.

Leontiev, A. N. (2016). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. En L. S. Vigotskii; A. R. & Luria; A. N. Leontiev (Orgs). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. (pp. 59-84). São Paulo: ícone.

Martins, L. M.. (2006). As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico-dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa. Anais... Reunião Anual da ANPED, v. 29, p. 1-17. <https://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2042--Res.pdf>

Martins, L. M.. (2010). Especificidades do desenvolvimento afetivo-cognitivo de crianças de 4 a 6 anos. En A. Arce; L. M. Martins (Orgs). Quem tem medo de ensinar na educação infantil? em defesa do ato de ensinar. (pp.63-92). Campinas, SP: Editora Alínea.

Martins, L. M. (2013). Os fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica e os fundamentos psicológicos da psicologia histórico-cultural. Germinal: marxismo e educação, 5, 2, 130-143. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9705/7093>

Pasqualini, J. C. & Martins, L. M. (2020). Currículo por campos de experiência na educação infantil: ainda é possível preservar o ensino desenvolvente?. Revista online de Política e Gestão Educacional, 24(2), 425-447. <https://doi.org/10.22633/rpge.v24i2.13312>

Saviani, D. (2013). Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas, SP: Autores Associados.

Saviani, D. (2011). Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados.

Saviani, D. & Duarte, N. (2010). A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. Revista Brasileira de Educação, 15, 45, 422-590. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000300002>

Souza, R. V. (2007). A xilogravura popular nos projetos de design: um estudo sobre a compreensão e a utilização das imagens da xilogravura pelos designers. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. UA Campus de Recife. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3363>

Ribeiro, P. H. (2022). Contradições da Base Nacional Comum Curricular acerca do conhecimento artístico na Educação Infantil em interface com a formação continuada de professores/as [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. UA Campus Maringá <https://ppe.uem.br/teses-e-dissertacoes-1/dissertacoes/2022/2022-poliana-hreczynski-ribeiro.pdf>

Valendorf, e. C. & Toscan, M. (2013). Algumas considerações sobre a importância do cordel para a cultura e arte brasileira. Educação, Artes e Inclusão, 7, 56-77. <https://revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/3804>

Vigotski, L. S. (2007). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2009). Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico. São Paulo: Ática.

Vygotski, L. S. (1983). Obras Escogidas. Tomo III. Moscú: Editorial Pedagógica.